

A vocação da vocação: uma leitura de *A vocação do exílio*

The vocation of the vocation: a reading of *The vocation of exile*

La vocación de la vocación: una lectura de *La vocación del exilio*

Antonio Carlos Aguiar Dias*

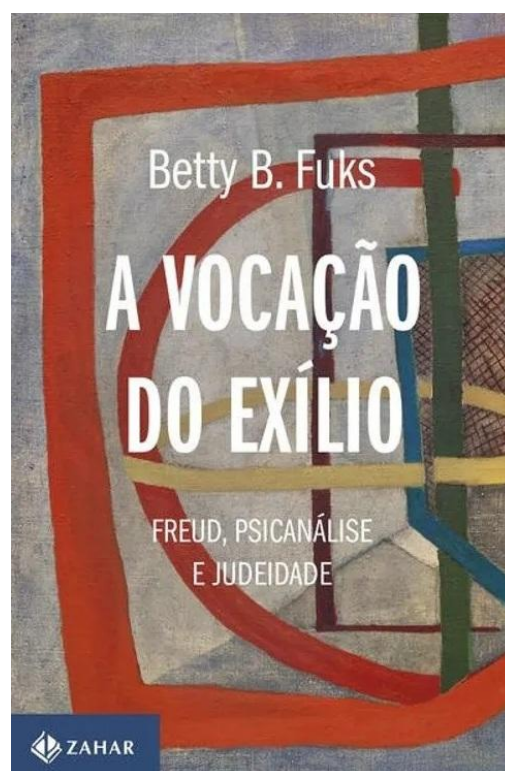
Resenha de Fuks, B. B. *A vocação do exílio: Freud, psicanálise e judaísmo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2025.

Toda vocação supõe um chamado. Mas que chamado se faz ouvir quando a vocação é a do exílio? Habitualmente, a vocação chama alguém para um lugar: uma profissão, uma crença, uma tarefa, até mesmo um destino. No título escolhido por Betty B. Fuks, entretanto, o chamado parece conduzir na direção contrária. Em vez de oferecer uma morada, convoca ao deslocamento; em vez de confirmar uma identidade, desaloja o sujeito de qualquer definição inteiramente assentada. Há, portanto, um paradoxo na expressão: ser chamado justamente para aquilo que retira o chão.

O genitivo do título guarda ainda uma ambiguidade. Pode-se ouvir nele uma vocação para o exílio, como se algo impelisse o sujeito a partir, atravessar fronteiras e abandonar identidades fixas. Mas também uma vocação própria do exílio: a potência que nasce do deslocamento e convoca a pensar, interpretar, criar e transmitir. É entre essas duas possibilidades que o livro se escreve, sem permitir que uma delas encerre a outra.

Diante das muitas leituras que a obra já suscitou desde sua primeira edição e das novas ressonâncias abertas por esta segunda, aventuramo-nos por uma entrada lateral: a palavra “vocação”. Embora apareça apenas cinco vezes, ela atravessa subterraneamente o livro inteiro. Estratégias de resistência, devir-judeu, estrangeiridade, errância, leitura, memória e transmissão respondem, cada uma a seu modo, a um chamado que nunca se deixa localizar em uma única voz. É essa presença discreta e disseminada que singulariza a leitura aqui proposta.

A vocação do exílio não procura atribuir uma origem judaica à psicanálise, como se a descoberta freudiana pudesse ser deduzida de uma identidade previamente dada. Também não pretende psicanalisar o judaísmo nem transformar a vida de Freud em explicação psicológica



* Diretor da Faculdade ViaSapiens. Doutor em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida – UVA.

de sua obra. O movimento realizado por Fuks é mais delicado: acompanhar a maneira pela qual Freud recebeu, recusou, deslocou e reinventou a herança judaica, construindo uma judeidade própria. A autora chama esse processo de *devir-judeu*. Trata-se menos de “ser” judeu como definição concluída do que de tornar-se, diferir de si, atravessar fronteiras e resistir às identidades que o outro pretende fixar. A vocação, nesse sentido, não aponta para uma essência escondida, mas para um movimento.

A primeira ocorrência significativa do termo aparece quando Fuks examina o humor judaico. No chiste, escreve ela, Freud encontrou uma “vocação particular do povo judeu”: produzir gracejos sobre si mesmo (FUKS, 2025, p. 23). É nesse ponto aparentemente leve que o livro revela uma de suas teses mais sérias. Rir de si não significa negar a dor histórica, mas impedir que uma única voz se torne soberana. O chiste desfaz a solenidade das verdades definitivas, faz coexistirem sentidos contraditórios e permite que uma situação dolorosa encontre outra saída. A primeira voz que chama, portanto, é polifônica. Ela convoca o sujeito a não se confundir inteiramente com a imagem que faz de si, nem com aquela que os outros lhe impõem. Antes de ser geográfica, a partida já se realiza na linguagem.

A segunda aparição liga a cultura judaica e a cultura germânica por uma “vocação comum”: a familiaridade com a Bíblia e com o livro como fonte de formação (FUKS, 2025, p. 89). Fuks, contudo, não apaga as diferenças entre essas tradições. Na leitura judaica, o texto não se oferece como palavra encerrada, mas como campo inesgotável de interpretações. Ler é deslocar centros, interrogar lacunas, fazer a letra passar de uma geração a outra sem obrigá-la a permanecer idêntica. É possível reconhecer aí uma proximidade com a escuta psicanalítica: também o discurso do analisando não está totalmente dado, e aquilo que ele diz não coincide necessariamente com o que supõe dizer. A vocação da leitura é acolher o que ainda não encontrou palavra.

É a terceira ocorrência que o termo se aproxima diretamente da errância. Ao explorar as palavras hebraicas *ivri* e *ivrit*, a autora associa o hebreu à passagem, à ruptura, à transgressão e à transmissão. A migração, afirma, não é em si maldição nem bênção, mas “vocação específica desse povo”, anterior a qualquer pátria ou unidade nacional (FUKS, 2025, p. 105). A formulação exige cuidado. Dizer que há uma vocação do exílio pode parecer, à primeira vista, uma forma de elevar ou romantizar aquilo que, na história concreta, significou expulsão, perseguição, perda e morte. Ninguém possui vocação para ser perseguido ou desterrado.

Impõe-se, então, uma pergunta: a vocação está no exílio ou na resposta dada ao exílio? O livro a desloca para o trabalho realizado a partir dessa experiência. O exílio imposto não é escolha espiritual nem privilégio; a potência aparece na resposta construída diante dele, quando a perda de lugar se transforma em crítica às identidades fechadas, produção de memória e abertura ao outro. Em Betty Fuks, o exílio não é somente aquilo que expulsa o sujeito de uma morada; é também aquilo que o convoca a construir outra relação com a língua, com a herança e com a identidade.

Essa cautela permite compreender a citação de Maurice Blanchot que dá ao título sua formulação decisiva: “Há uma verdade do exílio, há uma vocação do exílio” (FUKS, 2025, p. 105). A dispersão, segundo o trecho recuperado por Fuks, desfaz relações fixas de poder e proíbe a tentação da Unidade-Identidade. Aqui se encontra o coração do livro. A vocação do exílio não consiste em procurar indefinidamente um sofrimento nem em transformar o desenraizamento em ideal. Consiste em impedir que a morada se converta em fortaleza, que o pertencimento se transforme em pureza e que a herança seja tratada como propriedade. O chamado do exílio é um chamado contra a completude.

É por isso que Freud ocupa, na leitura de Fuks, a posição paradoxal daquele que está dentro e fora. Judeu sem Deus, ligado a seu povo e separado da religião, homem da cultura

alemã e alvo do antissemitismo, cientista que recorre ao mito, à literatura e à poesia, ele faz dessa posição entre lugares uma força de invenção. A própria psicanálise nasce como saber extraterritorial. Não pertence inteiramente à medicina, à psicologia, à biologia, à filosofia ou à literatura, embora dialogue com todas elas. Sua cidadania, sugere o livro, está no exílio. Quando uma disciplina pretende acolhê-la integralmente, domesticá-la ou fixar-lhe uma identidade, perde-se justamente aquilo que a torna psicanálise: a escuta do não idêntico.

Essa extraterritorialidade não é apenas uma característica teórica. Ela define também a experiência analítica. O sujeito chega à análise acreditando, muitas vezes, conhecer a casa em que habita; pouco a pouco, descobre que não é senhor de todas as suas dependências. O inconsciente é esse estrangeiro íntimo que perturba a familiaridade do eu. Por isso, Fuks aproxima a análise de uma experiência de exílio de si: não a destruição do sujeito, mas sua separação de identificações que se apresentavam como destino. Exilar-se de si é consentir em não coincidir plenamente consigo mesmo. A voz que chama já não vem simplesmente de fora nem de dentro; vem desse lugar impossível em que o exterior se mostra íntimo e o íntimo aparece estrangeiro.

A quarta grande passagem do livro amplia essa questão para a origem. Ao acompanhar *O homem Moisés e a religião monoteísta*, Fuks mostra a radicalidade do gesto freudiano de fazer de Moisés um egípcio. A origem de um povo viria, então, do estrangeiro. Contra as fantasias políticas de pureza, Freud inscreve o outro no princípio de toda identidade. Não se trata de simples provocação historiográfica. Em meio à ascensão do nazismo, retirar Moisés do domínio de uma origem homogênea era afirmar que nenhum povo nasce de si mesmo. Toda identidade contém empréstimos, cortes, traduções, esquecimentos e restos. A vocação do exílio torna-se, nesse ponto, uma crítica política às comunidades que precisam fabricar um inimigo para sustentar a ilusão de unidade.

O leitor percebe, então, que a mensagem do livro ultrapassa a relação entre Freud e o judaísmo sem dissolver sua singularidade histórica. O judeu não é transformado em metáfora genérica de qualquer diferença. É a experiência histórica judaica, em sua concretude, que permite a Fuks interrogar o ódio ao outro, o narcisismo das pequenas diferenças, o antissemitismo e as diversas formas de segregação. A crítica torna-se ainda mais atual quando a autora recorda que o outro pode ser o judeu, o negro, a mulher, o homossexual, o estrangeiro ou qualquer sujeito colocado fora da imagem ideal de uma comunidade. O livro nos obriga a perguntar quanto de violência se esconde em toda promessa de identidade sem resto.

A quinta ocorrência explícita reúne os fios anteriores. Fuks afirma ser possível discernir, na psicanálise e no judaísmo, uma mesma vocação de “pensar e viver a história”, reconhecendo passado e presente como cenas conjugadas (FUKS, 2025, p. 202). A história não é um depósito imóvel situado atrás de nós. Ela retorna, exige leitura e modifica-se no presente. Também por isso uma herança não pode ser apenas conservada. Recebê-la implica conquistá-la, interpretá-la e transmiti-la de outro modo.

A própria autora encontra em Goethe a frase que melhor exprime esse trabalho: “Aquilo que herdaste de teus ancestrais, conquista-o, para fazê-lo teu” (apud FUKS, 2025, p. 11). A herança, portanto, não chega pronta. Freud recebe nomes, livros, silêncios, perdas, marcas e tarefas não concluídas. Não pode simplesmente guardá-los como peças intactas de um patrimônio, nem desfazer-se deles como se nada lhe dissessem. Precisa conquistá-los, no sentido goethiano: apropriar-se do recebido por meio de uma transformação. A fidelidade à herança não está em repeti-la, mas em fazê-la viver de outra maneira. Freud não reproduz o judaísmo de seus ancestrais; deixa-se atravessar por ele, altera-o em sua leitura e é, ao mesmo tempo, alterado por aquilo que recebe.

Essa vocação histórica encontra uma imagem forte no final do livro. Diante da destruição das instituições psicanalíticas de Viena pelo nazismo, Freud recorda a atitude de Yochanan ben Zakkaí após a destruição do Templo de Jerusalém: abrir uma escola para que o estudo continuasse. Se o edifício cai, a letra migra. Se a comunidade se dispersa, a palavra pode manter um laço sem exigir território único. Fuks reconhece nesse gesto uma resposta ao trauma e uma política de transmissão: a psicanálise sobreviveria no exílio desde que não confundisse sua continuidade com a preservação de templos, hierarquias ou dogmas.

Aqui a resenha precisa tornar-se também crítica. O livro mostra que a vocação do exílio pode ser traída pelas próprias instituições encarregadas de transmiti-la. Quando a psicanálise se fecha em escolas, filiações e verdades intocáveis, abandona sua posição estrangeira e fabrica seus próprios ídolos. A transmissão que deveria sustentar a diferença pode converter-se em repetição obediente; a formação pode substituir a experiência de desamparo pelo conforto corporativo. É também nesse ponto que *A vocação do exílio* fala mais diretamente aos analistas: permanecer fiel a Freud não é repetir Freud, mas preservar a abertura que permitiu à sua obra não coincidir consigo mesma.

Voltemos, enfim, à pergunta inicial: quem chama? Não há no livro uma voz única, exterior e soberana, que atribua ao sujeito uma missão. O chamado não parte de uma voz isolada. Forma-se no encontro entre a história e seus restos, a letra e suas lacunas, a herança e aquilo que nela não pôde ser concluído. Chamam a memória do sofrimento e o futuro que ainda não recebeu forma; chama o estrangeiro que habita a cultura; chama o inconsciente que impede o eu de coincidir consigo; chama o rosto do outro, cuja diferença resiste a ser absorvida.

É no entrecruzamento desses chamados que emerge a figura ensaística de um Deus-ateu e de saia. Ateu de todos os ídolos que pretendem representá-lo, fixá-lo em um nome, um rosto ou uma essência; de saia porque sua voz passa por Ruth, a estrangeira que inscreve a diferença no coração da herança, mas também porque chega ao leitor atravessada pela saia de Betty. Não como marca de uma essência feminina, mas como assinatura de uma mulher que, ao ler Freud e o judaísmo, não permanece exterior ao que lê: recebe a herança, interroga-a, conquista-a e a faz passar de outro modo.

A saia de Betty não veste Deus; oferece passagem à sua estrangeiridade. Por ela, a voz que chama deixa de ser apenas a voz dos patriarcas, das origens e das autoridades constituídas. Torna-se também a voz da leitora, da analista e da herdeira que preserva justamente porque transforma. Não é uma voz masculina ou feminina, religiosa ou descrente, interior ou exterior, mas a voz do Outro, que só chama porque jamais se deixa possuir.

É essa, afinal, a vocação da própria palavra “vocação” no título de Betty Fuks: retirar o exílio do lugar exclusivo de acontecimento biográfico e elevá-lo à condição de operador ético, clínico, político e textual, sem apagar a violência histórica que o produziu. A vocação não é uma ordem consciente, mas uma exigência: não transformar pertencimento em identidade absoluta, herança em propriedade ou origem em fundamento imóvel. O livro não ensina a encontrar uma morada definitiva. Ensina algo mais difícil: habitar sem transformar a casa em fronteira contra o estrangeiro. Ao terminar a leitura, permanece a advertência que atravessa toda a obra: não dizer jamais que se chegou, porque se é passageiro em trânsito. A vocação do exílio é, afinal, a vocação de continuar.

Citação/Citation: Dias, A. C. A. (2026). *A vocação da vocação: uma leitura de A vocação do exílio*. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XVIII, no.1), pp. 110-113.

Recebido em: 01/07/2026

Aprovado em: 05/08/2026